Tukupe Wauja

FORMAÇÃO EM GESTÃO TERRITORIAL E SERVIÇOS SOCIOAMBIENTAIS NO XINGU

11

MÉDIO

Entre a política e a pesquisa: trajetória

Introdução

Tukupe Wauja é morador da aldeia Piyulewene. É Agente Indígena de Saúde, Conselheiro Suplente da Saúde e foi diretor regional da Atix. Dentre várias questões para pesquisar, acabou fechando com a história da formação de sua aldeia. Enfrentou dificuldades para desenvolver um roteiro de pesquisa mas prosseguiu! Diz que mesmo tendo laptop (nem sabe mais escrever à mão), sua aldeia nem sempre tem energia: "Mas sou contra Belo Monte, então não posso reclamar!"

Planos de pesquisa (conversas, temas, roteiros…)

Meu plano inicial era pesquisar a origem da humanidade Wauja, mas quando apresentei essa proposta para a aldeia, vimos que o professor Kaji, que está licenciando na Unemat, já tinha avançado pesquisa nessa temática. Era pesquisa que eu também já tinha feito antes, porque cada um de nós faz pesquisa todo dia, com nossos pais, nossos tios nossas mães.

Então me voltei para pensar na organização política, como era a organização do passado, quando a gente tinha população de aproximadamente 3000 Wauja e não tinha tanta briga entre eles. Como chefes e vice-chefes eram escolhidos? Na minha cabeça, pensando, fui colocando no papel, qual é de casa, como era a organização social e política, e a das festas; como constrói casa do cacique, como se organiza para começar a construir a casa do cacique.

Nesse momento, o pessoal da aldeia me pediu outro trabalho, para escrever sobre a história de nossa aldeia, para o projeto político pedagógico (PPP) da nossa escola. Fiz esse texto, mas continuei falando sobre pesquisa de organização política, primeiro com meu pai, minha mãe e meu tio. Andei até o Batovi também, de carona com um antropólogo que estava por lá, para buscar mais informações, porque lá tem um idoso, com filhos de cinquenta anos, que são de família da chefia com muito material importante. Esse antropólogo está pesquisando chefias, registrando quem são os filhos de chefes, e através da pesquisa dele descobri que a minha família é uma das dos chefes também.

Tenho interesse de fazer essas pesquisas, registrando desde a época em que povo Wauja estava na lagoa Ipavu, de onde andamos até cabeceira do Piyulaga, a geração do Alakuaya, depois vem meu avô, depois os chefes atuais mais novos. Antes de os caciques mais velhos deixarem a gente.

Durante minha adolescência eu não passei no processo de chefia, mas agora eu tenho que mostrar na minha árvore genealógica, que também teria direito de assumir um dia na chefia.

Como ser cacique

Trocando ideias com Tukupe, Kaju comenta:

Como Tukupe falou, para ser cacique, tem que passar por muitas atividades. Também fiz pesquisa em três comunidades, sobre perguntas que a professora Marcela Coelho, antropóloga e colaboradora na Formação Território e Serviços Socioambientais no Xingu (FTSSX), nos deixou:

> ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA
>
> *Como cada povo se organiza, tomas suas decisões, com que formas de organização?*
>
> *Quais as formas de liderança e organização tradicionais?*
>
> *Quais as formas de lideranças e organização pós-contato (depois do parque)?*
>
> *Quais os desenvolvimentos atuais nas formas de liderança e organização (para falar da experiência de agora)?*

Todos falam que tem que aprender desde criança; que pode ser escolhido desde criança para já começarem a aprender as palavras dos caciques, que são diferentes das que os outros usam. Que eles eram escolhidos através das gerações

e famílias. Mas que agora não é mais assim, tem mudanças muito grandes, não são mais escolhidos como antigamente. Agora pode ser cacique de outra família, ou mesmo sem saber direito o papel do cacique, ou sem saber usar as palavras direito.

Para nós, cacique não pode brigar: pode ensinar, colocar regras. Ele não desrespeita a cultura dos outros povos. Mas o cacique hoje pode não respeitar outros povos. Eu quero perguntar: Como é o ensinamento do cacique do povo Wauja? Quais são as regras? Tem linguagem diferente? Nos Kalapalo, eles têm linguagem diferente no recebimento dos convidados.

TUKUPE:

Ainda vou aprofundar isso, daqui em diante.

Realmente, hoje em dia, se você vai ser cacique, você tem que ter dois conhecimentos, conhecer sua cultura e conhecer cultura do branco. Estou vendo a gente futuramente, os velhos vão deixando a gente e nós vamos afastando desse caminho do cacique. Os caciques não vão falar cerimonialmente para nós, vão deixar a gente. Vão deixar a gente, e nós mesmos vamos assumindo o papel de chefia. Já estamos em várias reuniões ajudando o cacique…

Entre políticas: buscando tranquilidade para pesquisar

Depois do segundo módulo da FTSSX, que aconteceu em maio de 2012, fui para Canarana em busca de informações com meu velho avô, mas não deu tempo. Ao chegar lá, ele já estava morrendo e só me falou: "Por que você demorou tanto? Sua tia já comentou que você tem interesse de aprender sobre essa política. Seja bem vindo". Ele disse: "Nenhum de seus tios e tias veio me entrevistar sobre isso, por isso eu estou totalmente aberto para deixar pelo menos para você. Espero que você leve a nossa luta". Ele falava pouco, e pediu para eu ficar lá cuidando dele. Fiquei um mês. Esperava que ele melhorasse, mas ele piorava.

Depois fui ao encontro Rio+20, estava curioso e meu tio tinha convite, curiosidade como de Jawakatu, de ir longe. Fui, conheci, sofri, voltei, esperei ele melhorar

um pouco, quando eu estava voltando passei em Kamukwaka, sítio sagrado tombado pelo IPHAN, e vi esse lugar ameaçado pelos brancos.

Ao voltar na minha aldeia, como estava ainda na formação dos AIS, estava devendo ali algumas folhas de pesquisa, que tinha que finalizar. Deu certo, e me formei. Mas naquele momento perdi dois parentes, o que me deixou tão triste, que até queria desistir de estudar.

Em nova reunião que fiz na aldeia, eles falaram para eu seguir mesmo com pesquisa da história da nossa aldeia, que agora está crescendo e futuramente vai virar aldeia grande. Primeiro era "fazendinha do Atapucha", depois "Aruak", agora mudei nome para Piyulewene. A história de como isso aconteceu, já está no computador.

Fizemos expedição com os alunos para Kamukwaka, com meu pai, meu tio e quinze alunos. Foi muito bom, e lá surgiram muitas ideias. A gente estava querendo até localizar como foi tombado, porque não está sendo respeitado. Eu escrevi até carta, primeiro mandei denúncia, depois escrevi de novo pedindo esclarecimento do Iphan sobre como foi o tombamento e proteção depois disso, mas não tive resposta ainda.

Quando eu estava voltando de Feliz Natal-MT, quase recuperando dessa perda da família, chegou época de eleição. Em Feliz Natal, conseguimos trator velho, mas quando a gente estava trazendo, o candidato pegou o trator, misturou com a política dele, denunciando meu tio, dizendo que o trator foi comprado por um candidato.

Pegaram o trator e levaram de volta. Eu fui ajudar a esclarecer, justificar, até que pegamos de volta no mesmo dia. Ficou tudo bagunçado, pensei de novo em abandonar estudo, mas depois pensei melhor no que estou querendo na minha vida.

Ao mesmo tempo eu estava querendo estudar, ingressar em alguma escola, seja no município, seja aqui, e isso bagunçou minha cabeça também. Além de meus trabalhos e compromissos de fazer ação em saúde, e ter que fazer relatórios. Hoje em dia a gente não anda, nem trabalha, sem relatório.

Fiz tudo isso, e talvez com o curso, analisei muita coisa: eu não vou ficar mais com pressa, estou aliviado, vou voltar a me dedicar nessa parte da pesquisa do curso. Uma coisa me chamou a atenção na fala dos cientistas, branco (Antonio Nobre) e indígena (Benki Ashaninka): você não precisa querer ser o melhor de todos (isso estava passando na minha cabeça). Não: primeira coisa é aprender e multiplicar o conhecimento que tenho, ajudando meus parentes.

Vou retomar, porque além de ser agente de saúde, suplente conselheiro, sou curioso de tudo. E com essa informação que recebi, tenho que saber ir participar de alguma coisa, mas não sempre. Pois tudo o que aparecia na minha frente eu ia. Ia para lá e para cá sem parar, mas agora vou continuar com mais calma, e colocar pesquisa que fiz no papel.

Talvez o que esteja faltando para mim é roteiro, eu preciso montar roteiro ou guia de pesquisa. Entrevista não é problema para mim, roteiro é que está faltando.

Antropólogos e advogados indígenas, e como pesquisar o próprio povo

ƱARETE KAIABI E KOROTOWI TXICÃO TROCAM IDEIAS COM TUKUPE

ƱARETE:

Posso contribuir com você? Ou vou te atrapalhar mais? Você precisa muito do computador para fazer sua pesquisa?

KORO:

Quando eu fazia pesquisa para mestrado, apresentei projeto para a comunidade, e o finado pai do meu primo Karane falou para a gente: – Vamos fazer pesquisa tradicionalmente? Senti que ele ia proibir gravaçao, mas ele falou: – Vocês, estudem tradicionalmente (sem anotar na hora). Depois sentem para escrever.

No sentimos perdidos, por causa do costume de gravar. O que fizemos? Íamos perguntar várias vezes, já que eles se dispuseram. Anotavamos o que ele falou, e íamos de novo. Assim fiz meu trabalho de pesquisa. E quando cada um fala da sua gravação, eu aviso que o meu foi tradicional!!

Isso me fez compreender melhor a relaçao do povo Ikpeng com os recursos naturais. Quando me perguntam como tirar o látex, eu sei. Sei muita coisa que eu aprofundei meu aprendizado participando e organizando seis festas. Na hora da pesquisa, tudo é possível, é so ter vontade e curiosidade.

Esse foi o desafio que nossos anciões passaram para a gente, e repassamos para nossos alunos: para fazer conversas e depois, fazer transcriçao direto. Especialmente se não temos esses equipamentos. Acho que computador é importante, mas quem se ilude, não leva dois meses e já estraga o equipamento (pois quer abrir todos os programas, baixar de tudo, colocar qualquer pendrive atraídos pelas fotos de meninas). Um tem foto que pegou do outro, que pegou do outro e já nem é mais foto, se transforma em vírus que trava o computador. Além disso, se não souber carregar, vicia a bateria e também não tem mais cura.

Podemos pensar em nós como pesquisadores dentro do nosso povo, ou como pesquisador saindo um pouco do próprio povo e olhando para seu povo: O que está acontecendo? O que a comunidade está fazendo? Qual a organização dela? De que forma você olha?

Você vira pesquisador, e fica até meio chato perguntando: Por que? Como? Quem? Quem é o dono? Por quanto tempo ele vai ser chefe? Porque tem festas que tem chefe, e naquele período o dono da festa é o chefe grande. Mas, acabando a festa, acaba o mandato dele!

Na pesquisa, temos que escutar, registrar, ler tudo de novo. Um antropólogo vê uma informaçao ou o que está acontencendo, mas também complementa com sua visão própria ou entendimento. Por isso acho que, melhor para falar do nosso povo, somos nós mesmos. Eu estou traduzindo o livro do vídeo que Karane fez, "Das crianças Ikpeng para o mundo", de uma pesquisadora que escreveu a visao dela, e pediu para eu traduzir para os Ikpeng. Estou lendo, mas estou cortando muita coisa!

Assim Korotowi concluiu sua contribuição para a pesquisa de Tukupe.

Primeiro plano de pesquisa: organização socio-política dos Wauja

ALDEIA PIYULEWENE, 09/03/2013 AS 12H40. O TEMPO ESTÁ NUBLADO.

PESQUISADOR: TUKUPE WAUJA

Este projeto focaliza o aspecto sociopolítico do povo indígena Wauja, conhecido como wauja, da família linguística Aruak, que habita a Terra Indígena Xingu, ao norte do estado de Mato Grosso. O projeto é atividade do curso de Gestão Território e Serviços Socioambientais do Xingu (FGTSSX), em parceria do Instituto Socioambiental (ISA) e a Associação Terra Indígena Xingu (Atix).

A comunidade Wauja está distribuída em três aldeias situadas região do alto e médio Xingu, na bacia hidrográfica do Xingu: aldeias Piyulaga, Piyulewene, Ulupuwene e CTL Batovi – essa última localizada na Terra Indígena Batovi. As aldeias dos Wauja estão em mata alta e terra plana. As matas que rodeiam as nossas aldeias são mata de transição entre o cerrado e a floresta amazônica; tem muitos pântanos lindos, alguns mais lindos ainda pois têm lagoas, prainhas, muitos animais e aves como jaburus. A maior delas é aldeia Piyulaga, que tem escola central, unidade de apoio à saúde e a Associação Tulukai. A Associação Arakuni Zapukuyawa representa a comunidade da aldeia Piyulewene. Cada comunidade tem sua própria associação.

A comunidade Wauja totaliza aproximadamente 813 pessoas que mostram a força da política, cultura e história, mantendo a língua wauja viva. As aldeias são longe umas das outras e o acesso é pelo rio e estrada. Cada aldeia possui um representante e as decisões comunitárias são discutidas por todos nas comunidades e definidas pelos caciques principais do povo wauja, que moram na aldeia Piyulaga: Kamala, Yatuna, Atakaho e Akari. Mas na prática a decisão pelos caciques principais não está acontecendo, as decisões estão divididas. Isso, como podemos resolver? Eu não tenho ainda a resposta, mesmo assim eu, como jovem, vou sonhar alto, pra ver se daqui pra frente eu vou descobrir um caminho mais curto para podermos solucionar isso para nosso povo.

Nossas atividades atuais demandam cada vez mais a nossa presença na cidade, mesmo assim conseguimos manter a nossa cultura ensinando nossos filhos a fazer artesanato como panela de barro, esteira, canoa; a caçar e pescar; o cultivo

da roça, os instrumento musicais como flauta sagrada e outras flautas; as regras de convivência, segundo nossos costumes e tradições, etc. A economia do povo Wauja é baseada na agricultura familiar de subsistência, pesca, caça e extrativismo. Para as novas necessidades temos economia alternativa como comercialização de semente, de artesanato e de alimentos da aldeia para merenda da escolar. Tem também serviços prestados para a Secretaria de Municipal de Educação de Estado de Mato Grosso, a fundação Secretaria de Saúde de Indígena (SESAI), a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a Associação Paulista para o Desenvolvimento da Medicina Preventiva (SPDM) e outros. Temos também aposentadorias e bolsa familiar.

As associações Tulukai e Arakuni têm um papel importante na política Indígena do povo Wauja, pois participam de algumas políticas, de educação, saúde, cultura. Participam de alguns editais que sempre estão sendo lançados no mundo do homem branco, para ajudar a suprir interesses dos povos indígenas. As nossas associações buscam recurso para melhorias, desenvolvimento e crescimento das aldeias, executam os projetos e defendem o nosso direito. Nesse sentido a associação é muito importante. Nos últimos anos, nós, Wauja, temos nos preocupado em registrar nossa língua, história, criar uma forma de preservá-las juntamente com alguns parceiros como ISA, Seduc, Unifesp, em diferentes ocasiões (durante as várias formações dos alunos das aldeias, até mesmo juntamente com professores das escolas e na outras formações). Educadores e comunidades têm iniciado projetos de documentação da língua e dos conhecimentos wauja. Com esses projetos, foram desenhadas muitas escritas pertencentes à rica tradição do povo, num registro quase geral.

OBJETIVO E JUSTIFICATIVA

Este projeto de pesquisa tem por objetivo registrar a organização sociopolítica do povo Wauja, compreendendo melhor como se organizavam antes do contato, comparando com a organização e governança atuais. Ele é importante para conhecer e aprofundar mais meu conhecimento sobre quem decidia, quem eram as principais lideranças na comunidade e qual era o papel de cada uma antes do contato; fazer um comparativo entre a organização do povo Wauja antes do contato com a organização atual. Futuramente, alunos poderão aprofundar mais ainda o conhecimento sobre isso, aproveitando essa introdução como guia para conhecerem a cultura do seu próprio povo e assim, respeitarem os caciques, os donos das festas e as pessoas mais velhas.

METODOLOGIA

Chamar comunidade da aldeia e explicar a importância da pesquisa para todo o povo Wauja. Depois de explicar a importância da pesquisa, vamos pedir aos interessados em fornecer informações sobre a organização do povo wauja, que se manifestem. As entrevistas acontecerão no pátio da aldeia com participações das lideranças atuais e dos mais velhos que tenham conhecimento sobre a organização sociopolítica do povo Wauja antes do contato.

Para esta pesquisa utilizarei aparelhos como: gravador, câmera digital, laptop, caneta, lápis e caderno. As perguntas que vou fazer para as pessoas, serão na língua materna. Depois das entrevistas, vou transcrever e a tradução será registrada na língua portuguesa.

Pesquisa organização sociopolítica do povo Wauja

ROTEIRO DA PESQUISA

1. Reunir com a comunidade (na aldeia).

2. Com quem chegar e perguntar: cacique da aldeia e outras pessoas que entendam sobre a organização sociopolítica do povo Wauja antes do contato: pajés, caciques, dono das festas, guerreiros, caçadores, raizeiros, liderança feminina.

3. Preparar um roteiro de entrevistas, informando data, local, nome do pesquisador e nome dos entrevistados.

4. Perguntas (entrevistando as pessoas escolhidas)

Perguntas:

- Como era realizada a escolha e o que precisava para se tornar um cacique?
- Qual é o papel do cacique antes do contato?
- Que tipo de assunto era resolvido pelo cacique nesse período?
- Na ausência do cacique, quem tomava as decisões?
- Onde isso era tratado (no pátio da aldeia)?
- Quem participava (homens e mulheres)?
- Qual era o papel das mulheres e como se organizavam?
- Qual era o papel do pajé antes do contato e como se organizava?
- Como era escolhido e o que precisava pra se tornar um pajé?
- Qual era o papel do raizeiro e como ele se organizava?
- Como era escolhido e o que precisava para se tornar um raizeiro?
- Quais festas eram realizadas e como eram organizadas?
- Quem eram os donos das festas e por que eram os donos?
- Quem eram os guerreiros e como eram escolhidos?
- Como os guerreiros se organizavam durante uma batalha?
- Quem eram os caçadores, como eram escolhidos e como se organizavam?
- Qual é o papel do cacique atualmente?
- Como era realizada a escolha e o que precisava para se tornar um cacique?
- Qual é o papel do cacique antes do contato?
- Que tipo de assunto era resolvido pelo cacique nesse período?
- Na ausência do cacique, quem tomava as decisões?
- Onde isso era tratado (no pátio da aldeia)?
- Quem participava (homens e mulheres)?
- Qual era o papel das mulheres e como se organizavam?
- Qual era o papel do pajé antes do contato e como se organizava?
- Como era escolhido e o que precisava pra se tornar um pajé?
- Qual era o papel do raizeiro e como ele se organizava?
- Como era escolhido e o que precisava pra se tornar um raizeiro?
- Quais festas eram realizadas e como eram organizadas?
- Quem eram os donos das festas e porque eram os donos?
- Quem eram os guerreiros e como eram escolhidos?
- Como os guerreiros se organizavam durante uma batalha?
- Quem eram os caçadores, como eram escolhidos e como se organizavam?
- Qual é o papel do cacique atualmente?
- Como é a organização atualmente (associação, escola, saúde)?

Tukupe Wauja, acima e no alto à esq.

ISA
Instituto Socioambiental